

Aida Hanania – a fidalguia na universidade

Jean Lauand¹

Resumo: Notas da conferência de abertura do *XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação* (27-2 a 7-3-19), evento em homenagem à Profa. Dra. Aida Hanania.

Palavras Chave: Aida Hanania. Estudos árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Abstract: Notes of the opening lecture of the *XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação*, conference in homage to Professor Aida Hanania.

Keywords: Aida Hanania. Arabic Studies. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da USP.

Meu contato com o curso de árabe da Fflchusp

Por unanimidade, a homenageada do Cemoroc de 2019 é Aida Hanania, Professora Titular aposentada do Departamento de Letras Orientais da Fflchusp.

Fundadora do Cemoroc (e de seu predecessor o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP), Aida sempre esteve à frente de importantes iniciativas editoriais, de eventos e de extensão de nosso Centro. A ela muito devemos, especialmente nos contatos internacionais e na projeção editorial, desde a fundação até hoje. Neste artigo, tratarei especialmente da relação de Aida Hanania com o Cemoroc, deixando para estudo de outro colega a análise de seus livros e de outros detalhes de sua carreira acadêmica.

Conheci a Profa. Aida em 1990, em uma condição privilegiada, que me foi propiciada pelo lendário Prof. Helmi Nasr. Nesse ano, eu tinha começado a cursar, como ouvinte, as matérias de língua e literatura árabe da Fflchusp, ministradas pelo fundador do curso, o Prof. Nasr, e desde a primeira aula, surgiu uma empatia e amizade que, ao longo do tempo – e até hoje – só iria crescer. Nasr, talvez já pensando em integrar-me à equipe do futuro curso de Pós, além das aulas regulares a que eu assistia, encarregou a Profa. Aida de me dar aulas particulares na própria Fflch.

Neto de libaneses e professor de Filosofia e História da Educação na Feusp, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos sobre a cultura árabe e resolvi ir à Fflch. Eu já tinha tido a experiência de cursar a Politécnica e a Matemática da USP (na qual me formei). A Poli, para alguém vocacionado para Humanas, foi um erro de adolescente que gostava de matemática. A matemática foi minha interface para a Filosofia. Cheguei a começar um mestrado em Álgebra Linear que, felizmente, troquei pela carreira em Filosofia da Educação.

Como professor doutor e beirando os 40 anos, a experiência de cursar árabe como aluno foi deliciosa. Por um lado, resgatar a experiência básica de estudante: conjugar verbos em voz alta junto com a classe, chamada oral, lição de casa, convívio com os colegas, pão de queijo na cantina no intervalo... Com minhas próprias dificuldades em alfabetizar-me em árabe, meu respeito pelos alfabetizando brasileiros

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

creceu muito: ainda hoje quando no noticiário da TV aparece alguma legenda em árabe, tenho que dar um “pause” para vagarosamente tentar decifrá-las. Aprendemos de cor alguns textos: a *fatiha* do Alcorão e algumas poesias da *jahilyiah*, entre outros.

O ambiente era um capítulo à parte: de um lado, o prédio da Letras; do outro, o da Filosofia e Ciências Sociais; no meio, a lanchonete, uma pororoca compartilhada por ambas as tribos, muito diferentes. Caricaturizando, os alunos da filosofia e sociais eram de cara amarrada, como compete a intelectuais responsáveis pela erradicação da ditadura; os da letras, encarnavam o mesmo ideal antiditadura, mas de um modo um tanto hippie, “bicho-grilo” (como se dizia na época), descontraído, colorido e alegre. Era interessante notar o faro sociológico dos garotos pedintes da favela adjacente à USP: concentravam-se todos do lado da Letras (onde recebiam dinheiro e lanches em abundância) e nem ousavam pedir aos intelectuais do outro lado...

Nas turmas das classes de árabe, em geral em torno de uma dúzia de alunos, havia de tudo: uma idosa que frequentava simultaneamente (com aproveitamento duvidoso) inúmeros cursos da Letras; uma mocinha ardorosamente apaixonada pelo Emir do Kuwait, Jaber Al-Ahmad Al-Sabah; um muçulmano que protestava contra as mini saias das colegas etc. Durante o Ramadã, todos combinávamos – em respeito aos colegas muçulmanos – de não comer nem beber nada nas aulas: nem chiclete ou balinhas, nem mesmo água.

Ainda havia naquele tempo grandes professores, de elevada estatura humana e intelectual, como Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Boris Schnaiderman, Davi Arrigucci, Ítalo Caroni, Massaud Moisés...; alguns deles viriam a colaborar muito com o Cemoroc: María Concepción Piñero Valverde, Mario Bruno Sproviero, Pedro Garcez Ghirardi e, claro, Helmi Nasr e Aida Hanania.

A Letras era, para mim, um laboratório antropológico: cursar árabe, grego e hebraico era uma experiência muito interessante; parafraseando McLuhan, “o modo era a mensagem”, cada curso como que seguia o estilo próprio do tema: as aulas de grego eram dadas de acordo com a racionalidade *logos* grega; as de árabe, mais soltas, de acordo com o *ma’na*... Afinal, em árabe a palavra para designar esquisito, excêntrico, exótico é *garyb*, que também significa ocidental...

Aida era o equilíbrio. Como o Líbano, o encontro e a harmonia da conjunção do melhor de dois mundos: o Oriente e Ocidente. Apaixonada pela França, fez o mestrado e o doutorado em Literatura francesa: sobre o teatro de Georges Schehadé, autor libanês que vivia alternadamente na França e no Líbano. Aida viria a fazer um estágio de aperfeiçoamento em Paris, em 1982, em preparação para o doutorado. Já para a livre docência seu tema foi a Caligrafia Árabe; para o concurso de Titular, o papel da imagem para a tradição árabe islâmica.

Disorientamento: em meio à barbárie

Domenico de Masi, em recente entrevista a Roberto D’Avila (2/1/2019), diagnosticando os problemas de nosso tempo, insiste, uma vez mais, que a sociedade padece de um mal próprio, que é sua condição fundamental: a desorientação. Todas as sociedades anteriores, bem ou mal, nasceram com base em um projeto teórico prévio; a nossa, a da transição da sociedade industrial para a pós industrial, carece de referências: simplesmente surgiu e está aí, sem um projeto, sem objetivos. “E, assim, sem um modelo de referências, é difícil dizer se uma coisa é bela ou feia, se um quadro de Picasso ou Pollock é bonito ou feio, se um telejornal fala a verdade ou mente (...). Na Itália, ficamos debatendo por 14 anos, para decidir se uma jovem que estava em coma deveria ser considerada morta ou viva!! Não sabemos como tomar

nossas decisões e não sabemos como julgar as coisas”. (<https://www.youtube.com/watch?v=NgtAu2LONFg>)

Na contramão dessa sociedade desorientada, Aida Hanania sabe muito bem tomar decisões, como julgar as coisas, discernir o verdadeiro do falso, o bem do mal, o belo do feio. Sabe distinguir os valores e vivê-los. Essa rara qualidade é o que antigamente se chamava de distinção, uma pessoa distinta, o que nada tem que ver com dinheiro, grifes etc. (na verdade, nada é menos distinto do que o filisteísmo do novo rico...). É lhe conatural a classe, a elegância, a *finesse*, o bom gosto, o decoro (no sentido de que as coisas estejam adequadas), tudo isso com a, também conatural, simplicidade (selo de credibilidade da verdadeira nobreza), a anos luz de qualquer afetação ou esnobismo.

Na mesma linha de De Masi, Julián Marías, na famosa conferência “A Moralidade Coletiva” (Madri, 1998), também aponta a desorientação como principal mal de nosso tempo. Não é, diz ele, que nossa sociedade seja mais imoral do que em outros tempos, não! “o que acontece realmente é que se trata de uma época de muita desorientação. Há muitas pessoas que na realidade não sabem bem a que se ater”

E imediatamente junta algo extremamente importante para nossa análise: com o “*no saber a qué atenerse*”, o império do vulgar leva ao desgaste ou até à perda semântica das palavras que indicavam refinamento:

Há um exemplo curioso dentre os sempre interessantes deslocamentos linguísticos. Antigamente, por exemplo, usava-se a palavra “honrado”, hoje praticamente fora de uso e a honradez era uma virtude que geralmente se estimava. A palavra “honesto” se aplicava, comumente, mais para as coisas de tipo sexual. Por influência do inglês - o inglês é uma língua que atua enormemente sobre os que não a sabem; os que a sabem percebem esses detalhes, mas os que não sabem inglês (que são multidão) sofrem uma influência do inglês -, e como em inglês *honest* é antes honrado (é a tradução mais aproximada - todas as palavras de estimacão são muito difíceis de traduzir: como se diz “*fidalgo*” em outra língua? E *gentleman*...?), mas certamente há o sentido primário de *honest*, que é “honrado”, “sincero” etc. Agora, então, emprega-se “honesto” (em vez de honrado). E “honrado” está esquecida, é uma palavra que se usa pouco, para não falarmos da palavra “honra”, essa sim que quase já saiu de uso embora seja a mais importante. E isso afeta à situação da moral...

(www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm)

Quando o ordinário torna-se o padrão, caem em desuso ou perdem sua força palavras como honradez, decência, fidalguia, *gentleman*...

Para caracterizar a Profa. Aida Hanania, fidalguia parece-me a palavra mais adequada. Aliás o seu “lema”, como pessoa, professora e chefe do Departamento, é: “que as coisas estejam adequadas!” Insisto: não se trata de *status* ou dinheiro, mas de uma qualidade do ser: “*grandes dames*” são Catherine Deneuve, Bibi Ferreira ou Fernanda Montenegro, mas também Dona Ivone Lara ou a divina Elisete Cardoso. Paraphraseando Riobaldo: “Nobreza – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa”.

A etimologia da palavra fidalgo, todos sabem, é filho de algo (e não de um zé ninguém...). Mas, o *algo*, por sua vez, traz suas surpresas: algo vem do latim: *aliquid*, outro “quê” ou, o que é o mesmo, “outra coisa”. O que deixa de surpreender-nos

quando lembramos que nós mesmos dizemos: “gente fina é *outra coisa*”. Claro que fidalguia não tem que ver com dinastias nobiliárquicas (embora toda a família Hanania seja uma aristocracia da inteligência...), mas ser outra coisa em relação à grosseria vigente e onipresente.

Com naturalidade e sem nenhuma afetação, a fala de Aida é de total correção (a gramática, a adequação e riqueza do léxico são-lhe conaturais), nesses 30 anos nunca ouvi dela uma única gíria ou um palavrão (embora em algumas situações da vida acadêmica nós outros estivéssemos convencidos de que o palavrão fosse não só oportuno, mas necessário – lembro-me muito bem que até o Papa Francisco já deixou escapar um, aqui no Brasil...).

Fidalguia é – ao contrário do que pensam e praticam os “bacanas babacas” (desculpem, esta foi só dar uma “zoada” em nossa homenageada) – não humilhar os menores (um subordinado, um aluno...), mas valorizá-los e tratá-los com deferência...

Fidalguia e anfitriãoia. Graças à Aida nunca tivemos problemas em receber os muitos convidados estrangeiros do Cemoroc nestes anos: fluente em diversas línguas (e com os requintes de finura de cada uma delas...) e fluente em acolhimento, generosidade e bom gosto, Aida tem liderado com maestria nosso relacionamento internacional, como detalharei um pouco nos próximos tópicos.

Um episódio ilustrativo, entre tantos... Em 2003, um dos mais ilustres intelectuais europeus, o catalão Dr. Pere Villalba, parceiro de primeira hora do Cemoroc, vinha visitar-nos no Brasil e manifestou seu desejo de passar um dia em uma aldeia indígena (!). Cerca de um mês antes, lá fomos Aida e eu visitar a aldeia guarani de Parelheiros (Aldeia *Tonendé Porã*) para conversar com o cacique sobre essa possibilidade (que viria a concretizar-se no mês seguinte).

Sabíamos que a aldeia era muito pobre (miserável mesmo) e Aida quis levar alguns presentes: não só de farta cesta básica, mas também doces refinados, para que aquelas crianças pudessem – ao menos uma vez – experimentar algo diferente.



Nem é preciso dizer que o professor catalão foi muitíssimo bem recebido pelos guaranis. Em profundo artigo de reflexão antropológica e filosófica “Ará – Índia guaraní” (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>), ele mesmo descreve sua experiência com nossos indígenas.



A pré história do Cemroc: o Centro de Estudos Árabes da FFLCH

Em 1992, num Congresso realizado na USP por ocasião do quinto centenário da descoberta da América, o Centro de Estudos Árabes recebeu duas professoras do *Departamento de Estudios Árabes e Islámicos* da *Universidad Autónoma de Madrid* – Dra. Aurora Cano (então Chefe do Departamento) e Dra. Nieves Paradela – e Aida estabeleceu com elas as bases do que viria a ser uma longa e fecunda cooperação entre nossos Centros.



Nieves Paradela - <https://www.youtube.com/watch?v=B-PnuCXP0IE>

Aurora Cano era simplesmente a maior autoridade mundial nos “*Fondos Árabes*” de *El Escorial* e – como pude constatar *in loco* em 1998 – era ela a pessoa que mais conhecia as preciosidades medievais da Biblioteca do famoso mosteiro. Nessa visita a Madri, para firmar novas parcerias do Cemroc, o Prof. Mario Sproviero e eu fomos tratados como reis, porque as espanholas queriam retribuir a hospitalidade que tinham recebido da Aida...

Já em 1996, começamos algumas parcerias em coedição com a *Universidad Autónoma de Madrid*, duas modestas séries: *Cuadernos de Cultura y Ciencia* e

Colección *Textos y Estudios*. Em 1998, começáramos nossa revista *Collatio*, também com a UAM.

Antes disso, porém, em 1993, ainda no Centro de Estudos Árabes da USP, começamos a realizar dois projetos importantes: a *Revista de Estudos Árabes* (REA) e a coleção de livros *Oriente & Ocidente*.

De sua viagem a Paris, em 1993, para um estágio (que hoje chamaríamos de Pós Doutorado), Aida aproveitou para cursar caligrafia árabe com Hassan Massoudy, o maior calígrafo do mundo, e obteve do mestre iraquiano um presente: o nome da revista (em árabe) grafado pelo artista e que, claro, viria a ser a nova capa da REA.



Em seus seis números, Aida obteve para a REA preciosidades – entrevistas, artigos e conferências – de autores como Antônio Houaiss, Evanildo Bechara, Milton Hatoum, Jamil Almansur Haddad, Hassan Massoudy, Roshdi Rashed (então diretor do CNRS de Paris), entre tantos outros.

A coleção *Oriente & Ocidente* contou com 10 volumes



Quando digo que publicamos isto, isto e mais aquilo, não se pense que contávamos com suporte financeiro institucional: cedo aprendemos que não poderíamos depender da imensa burocracia da USP (para uso de suas gráficas ou verbas...). Cedo também descobrimos que tampouco poderíamos contar com nossa (rica) colônia, nem sempre sensível a iniciativas acadêmicas e culturais... Realizávamos os projetos sob o estímulo (e a generosidade pessoal) do Prof. Nasr. E “rachando” os custos entre os diversos autores de cada livro, dirigindo as edições para os alunos, que se interessavam e compravam a maior parte das limitadas tiragens. Aida e eu, além da direção editorial, nos encarregávamos também de negociar com as gráficas (cujo ambiente não era precisamente dos mais refinados...), do transporte dos livros etc.

Hoje, nesta retrospectiva, nem sei como tínhamos ânimo para toda essa trabalhadeira... Estávamos também entusiasmados pois o Curso de Árabe iria ter seu próprio mestrado e toda contribuição acadêmica, científica ou literária era mais do que bem vinda.

Um dia, numa aula em 1991, o Prof. Nasr propôs um exercício para ocupar a classe e dirigiu-se particularmente a mim, para dizer que o Curso de Árabe tinha planos de abrir um Curso de Mestrado e que ele e a Aida contavam comigo. Eu respondi-lhe que não sabia se me encontrava à altura de acompanhar aquelas aulas de Pós. Ao que ele replicou: “Não, contamos com você como professor...!”. Passado o susto inicial - e com a garantia de que ele e a Profa. Aida se encarregariam de complementar minha formação e de que eu poderia estabelecer em minha disciplina relações com o Ocidente Medieval -, aceitei. Esse mestrado começou em 1995 e, “de fora”, estávamos o saudoso Prof. Dr. Fernando Mourão (do Centro de Estudos Africanos) e eu.

Ainda dessa época, uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que Aida e eu publicamos em 17-8-91 no “Jornal da Tarde”, analisando a genial canção “Águas de Março”.

Procurávamos mostrar que, nessa poesia, Tom seguia o “sistema língua/pensamento árabe” (Lohmann), que em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, trabalha com um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...). Etc.

E fazíamos a comparação concreta com uma poesia clássica da tradição árabe, de Qus Ibn Sa’ida, que apresentava o estilo de pensamento que reencontrávamos em Águas de Março.

Algum tempo depois da publicação, o erudito jornalista Luiz Carlos Lisboa, então do “Jornal da Tarde”, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu “lado” árabe...

E treze anos depois, o conhecido jornalista, crítico de arte e escritor Antonio Gonçalves Filho escrevia no Estadão (6-6-2004, p. 16):

Muito antes desse “boom” literário, grandes compositores como Tom Jobim já haviam descoberto o poder de sedução do pensamento árabe – rápido e cortante, como observaram os professores Aida Hanania e Jean Lauand, ao analisar a letra de Águas de Março. Ela revelou uma curiosa referência a uma composição de um poeta árabe de 1500 anos atrás, Ibn Sa’idah. Como se vê, Jobim nunca desprezou a tradição. Ainda assim, estava adiante de seu tempo.

As recentes atividades de Aida no Cemoroc: formação de professores e alunos da escola pública

Trabalhando ativamente, ao longo de todos esses anos, em todas as nossas revistas – atualmente mantemos: *International Studies on Law & Education*, *Revista Internacional d’Humanitats*, *Notandum* e *Convenit Internacional* – Aida também tem colaborado como autora de dezenas de preciosos estudos, em geral sobre temas árabes e, dentre estes, especialmente os de sua especialidade: a caligrafia, o teatro, a literatura, o papel da imagem para a cultura árabe etc.

Dispensamo-nos de escrever sobre eles, pois em 2017, por ocasião dos 20 anos de existência formal do Cemoroc, pedimos a nossos principais autores que fizessem, uma retrospectiva, uma “selfie” de sua produção em revistas do Centro e a própria Aida brindou-nos com essa sua recapitulação no artigo “Artes e cultura árabes – meus estudos em revistas do Cemoroc 1997-2017”, que se encontra em ISLE 25/26: <https://www.youtube.com/watch?v=2Bb2kdg9mSI&t=4127s>.

A partir de 2012, por iniciativa da – também nossa diretora – Profa. Dra. Chie Hirose, o Cemoroc assumiu formalmente a missão de formar professores da Escola Pública. A própria Chie é um caso raro: possuindo mestrado pela Universidade de Hiroshima, doutorado e dois pós doutorados na Feusp, nunca abdicou de sua atividade profissional principal: professora de Fundamental I em escola da Prefeitura de São Paulo. Aida, generosamente como sempre, integrou-se a esse projeto, que é uma das prioridades atuais de nosso Centro.

Assim, nestes 8 anos, o Cemoroc tem organizado muitos eventos – seminários, conferências, encontros, aulas etc. – para professores e alunos das escolas públicas de São Paulo.



Aida, Chie e JL (sentado) em curso de doutorado na Feusp (2018)

Aida, sempre se disponibiliza para trabalhos voluntários. Por exemplo, em nossa revista *Notandum* 30 (<http://hottopos.com/convenit21/05-14Aida.pdf>), ela recolhe

sua experiência (de 2007) no trabalho voluntário no Brasil (convocada que foi pela ONU) com refugiados palestinos, uma questão que, infelizmente, vem ganhando crescente atualidade. E, a partir dessa vivência, analisa a interação das duas culturas...



Aida com professores da rede de S. Caetano do Sul (março de 2018)

Em nosso programa para a formação de professores, destaco, só para ficar com um par de eventos ainda recentes: as quatro memoráveis conferências que proferimos para centenas professores da Prefeitura de S. Caetano do Sul e as conferências (traduzidas e dialogadas em Libras) sobre língua e cultura árabes para professores e alunos surdos da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, de São Paulo.



Conferências sobre Cultura Árabe para professores e alunos surdos na Escola municipal (novembro 2017)

Causou extraordinário impacto para os estudiosos, as relações de semelhança que Aida e seus alunos surdos (a escola, no caso, era um polo de inclusão) entre o

gênio da língua árabe e Libras. Os surdos ficaram maravilhados, por exemplo, com convergências como: ausência do verbo ser como verbo de ligação, o uso da frase nominal etc.



Conferência sobre Língua Árabe para professores e alunos surdos na escola municipal (novembro 2017)

Encerro estas lembranças e considerações, recordando que, em algumas vezes (e este me parece ser bem o caso), diante da grandeza da pessoa homenageada, o verdadeiro homenageado é quem presta a homenagem (e não quem a recebe...)

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 11-03-19; aceito em 14-04-19